

**Experiências em desejos: entre os sentidos da existência em *Quarto de Despejo* (1959), de Carolina Maria de Jesus.**

Thien Spinelli **FERRAZ**<sup>1</sup>

(1959) 11 DE JUNHO. Levantei e fui carregar água. (...)

Ela entrou. Uma loira muito bonita. Disse-me que havia lido a reportagem de *O Cruzeiro* e queria levar-me no *Diário* para conseguir auxílio pra mim. (...) Bife, batatas e salada. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita do que o sonho.

Depois fomos na redação e fotografaram-me (...) Prometeram-me que eu vou sair no *Diário da Noite* amanhã. Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e que agora estão lavando. (JESUS: 1959: 152)

(1959) 16 DE JUNHO... Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS:153)

Por volta de 1950, Carolina Maria de Jesus sai da pobreza rural de Sacramento (MG) para vir à cidade de São Paulo, então em vias da acelerada modernização trazida pela era desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Com esperança de melhores condições de vida na capital paulista, Carolina trabalha como doméstica em “casas de família” até que sem emprego e dinheiro se vê obrigada a ir morar na hoje extinta favela do Canindé, às margens do antigamente limpo rio Tietê.

Paupérrima e habitante da favela, Carolina Maria de Jesus surge para os meios de comunicação de massa como alguém capaz de escrever uma narrativa marcante –

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais pela FFC/UNESP de Marília, membro do Grupo de estudos de literatura e cinema, autor da pesquisa “Crises da contemporaneidade: uma análise comparativa de *Brazil, o filme* e *O Hotel de Um Milhão de Dólares*”

seja por sua “clareza”, “sinceridade” e/ou “profundidade” de colocações – em meio às precárias condições da fome, da favela e da auto-sobrevivência e de filhos.

Como vemos acontecer atualmente, a mídia da época também não perdeu seus espetáculos, fazendo com que Carolina fosse por alguns anos considerada uma “celebridade” digna da mistura entre curiosidade e respeito. Em uma analogia com a ambigüidade de um dito popular, sua figura foi publicamente delineada como que a de uma “pérola aos porcos”, descoberta por um atento jornalista.

O lugar de onde esta mulher vinha não “poderia” produzir algo assim. Negra e semi-analfabeta ela foi então definida como um sinal de salvação, sendo quase sacralizada como a figuração da humanidade que ainda poderia restar junto às violentas sociabilidades, subjetividades e afetividades vinculadas à miséria econômica.

Deste modo, Carolina ganhou certa notoriedade em razão de sua inserção comunicacional, social e cultural ser legitimada como que por uma excentricidade: a criação de uma obra artística, de um livro, ou de algo que os valores racistas e elitistas então dominantes consideravam cabível somente a sujeitos de “certo nível cultural”.

Contudo, por outro viés acreditamos que *Quarto de Despejo* nos oferece múltiplas mediações com a existência de uma-Carolina em muitas-Carolinas dadas no polifônico e híbrido agenciamento de alteridades que é sua discursividade poética. Ao imprimir suas assinaturas em escrituras que transitam entre diferentes gêneros narrativos os agenciamentos de enunciação empreendidos na obra constituem o alimento que fortalece a não haver sempre uma. Neste sentido, pensamos: como são expressos os potenciais criativos de uma subjetividade construída sob intensas referências à escassez de recursos materiais? Em que medida podemos ver como estão discernidas as possibilidades e estratégias de um processo de crítica ‘autoconsciência’ de existência? E, ainda, de que forma concebemos e vemos concebidas pela narrativa as legitimidades de alteridades que afirmem suas diferenças a despeito de quaisquer intensidades de forças contrárias?

## **1. Outras guerras: subjetivações e vida poética.**

(1958) 9 DE AGOSTO. Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal. E amanhã é domingo.

...Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade (JESUS, data:96).

(...) no contexto da teoria peirceana, a palavra “pensamento”, como extensiva a signo, deve ser entendida de maneira muito generosa. Qualquer coisa que esteja presente à mente, seja ela de uma natureza similar a frases verbais, a imagens, a diagramas de relações de quaisquer espécies, a reações ou a sentimentos, isso deve ser considerado pensamento (SANTAELLA, 2001:55).

Os agenciamentos são passionais, são composições de desejo. O desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciando, agenciado, maquinado. A racionalidade, o rendimento de um agenciamento não existe sem as paixões que ele coloca em jogo, os desejos que o constituem, tanto quanto ele os constitui (DELEUZE-GUATTARI, 1997:67)

No texto que segue procuraremos interpretar como a obra de Carolina Maria de Jesus pode nos sugerir diferentes significações para termos que carregam amplas cargas semânticas, como a fome, a pobreza, o conforto, a vida, a arte, o “ser” e o “estar”. Para tanto, ao nos aproximarmos das intensidades veiculadas por e em nosso objeto à obra *Quarto de Despejo*, intentaremos dialogar com as idéias e argumentações desenvolvidas por Lucia Santaella (2001) e por Deleuze e Guattari (1997), para que assim articulemos um diálogo sobre as relações filosóficas e semióticas nele envolvidas.

Inicialmente, vendo a obra por uma perspectiva semiótica, podemos ter com ela a experimentação de matérias e expressões do pensamento por meio da subjetiva articulação de suas semioses (idéias, palavras, textos, cores, etc.), i.é. suas formas de geração de signos. Assim, sendo uma obra onde há hibridação de gêneros narrativos como a biografia, o diário, o romance e a poesia, há também a construção de uma semiótica particular que, além de um controle racional, manifesta vida e pensamento nas intersemioses de alteridades que dão forma aos escritos de Carolina.

Ocorre que as singularidades de sua escritura podem ser pensadas como uma espécie de agenciamento de desejos e experiências que sempre recriam suas singularidades. Territorializando e semiotizando, o agenciamento de enunciação empreendido na obra trabalha seus equipamentos de subjetivação maquinalmente, de modo que as vivências éticas e estéticas das realidades de Carolina são agenciadas como incorporais máquinas de guerra que podem funcionar tanto como ferramentas quanto como armas. Neste sentido, Carolina reescreve (ferramentas) como estão sendo suas

realidades ao mesmo tempo em que, por meio de pensamentos, desejos e experiências, busca agir (armas) com força maior que as manifestas em seus conflitos cotidianos.

(1955) 20 DE JULHO. (...) O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupa de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me a andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS:19)

Seria vão emprestar às armas um poder mágico oposto ao constrangimento das ferramentas: armas e ferramentas estão submetidas às mesmas leis que definem precisamente a esfera comum. Mas o princípio de toda tecnologia é mostrar como um elemento técnico continua abstrato, inteiramente indeterminado, enquanto não for reportado a um *agenciamento* que a máquina supõe. A máquina é primeira em relação ao elemento técnico: não a máquina técnica que é ela mesma um conjunto de elementos, mas a máquina social ou coletiva, o agenciamento maquínico que vai determinar o que é elemento técnico num determinado momento, quais são seus usos, extensão, compreensão... (DELEUZE & GUATTARRI, 1997: 62)

No sentido de ser fonte de alimentação para a manutenção de algumas atividades do corpo humano, em *Quarto de Despejo* a fome não pára por significar ela mesma. Na narrativa encontramos enfrentamentos de vida que sugerem existir diferentes fomes e reciclagens daquilo que as alimenta: Carolina demonstra sentir e criar múltiplas subjetivações para outras guerras frente a suas necessidades e vontades de vida.

Ao pensarmos sobre o que queremos e precisamos surgem diferentes valorações da vivência de nossas muitas fomes de existência. Falando em pobreza e escassez, nos aproximamos da idéia de algo que deve existir, mas falta com sua presença. Algo tido como necessário à manutenção de uma vontade que o deseja, i.é. nunca somente uma necessidade, mas uma vontade que valora e age frente à intensidade desta outra.

Assim, comendo aquilo que encontra no lixo e o que pode comprar com a venda de papéis, latas e ferros encontrados na rua, Carolina sacia suas fomes com os restos que as pessoas da cidade descartam. Com isto ela empreende uma espécie de reciclagem, de revitalização do que seria dado como morto. Deste modo, o resto lhe serve como matéria-prima para outras criações, ao passo em que sua insatisfação e ‘desgosto’ estão não nas moralidades convencionadas ao ‘catar papel’ e ao ‘andar suja’, mas sim na obrigação que suas necessidades lhe impõem de conviver com e na favela.

Disto é interessante percebermos como se desenvolvem as relações semióticas e filosóficas que Carolina empreende na escrita como uma ferramenta e uma arma de suas maquinais estratégias de guerra. Com efeito: “Ao invés de operar por uma violência a cada golpe, ou então de constituir uma violência ‘de uma vez por todas’, a máquina de guerra, com a pecuária e o adestramento, instaura toda uma economia da violência, isto é, um meio de torná-la duradoura e até ilimitada” (DELEUZE & GUATTARRI, 1997: 63).

Esta economia da violência trabalhada pelas máquinas de guerra pode em certa medida figurar como uma estratégia incorporal de combate que diferente das subjetivações sedentárias, atua na ordem de nômades linhas de fuga – como entre outras a escrita serve para Carolina. Isto porque podemos pensar que esta inexistindo na intensidade com que é apropriada na obra, talvez Carolina aderisse com devoção a outras tantas linhas produzidas socioculturalmente na favela – como a agressão, o assassinato, a narcotização, o roubo, o abandono, o sexo, a fofoca, etc. – tendo sentido o talvez consensual limite à suas experiências e desejos: a própria morte.

Neste sentido, acreditamos que diferentes perspectivas sobre a violência, a morte e a vida coexistem nas expressões de Carolina. De modo que sua narrativa nos sugere uma construção filosófica e semiótica que abarca muitas vozes e fisionomias intrincadas em seu cotidiano de desejos, sonhos e realidades – ainda que a fome fisiológica aborte esta relação, representando em sua presença como que um grito do mundo em direção às urgências da vida de seres e corpos que trabalham, escrevem e sonham. Assim:

O sentimento implica uma avaliação da matéria e de suas resistências, um sentido da forma e de seus desenvolvimentos, uma economia da força e de seus deslocamentos, toda uma gravidade. Mas o regime da máquina de guerra é antes a dos *afetos*, que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composições de velocidade entre elementos. O afeto é a descarga rápida da emoção, o revide, ao passo que o sentimento é uma emoção sempre deslocada, retardada, resistente. Os afetos são projéteis, tanto quanto as armas, ao passo que os sentimentos são introceptivos como as ferramentas (DELEUZE & GUATTARRI, 1997: 68)

## 2. Nômades fronteiras da atividade de ser

A lógica como estudo do raciocínio correto é a ciência dos meios para se agir razoavelmente. A ética ajuda e guia a lógica através da análise dos fins aos quais esses meios devem ser dirigidos. Finalmente, a estética guia a ética ao definir qual a natureza de um fim em si mesmo que seja admirável e desejável em quaisquer circunstâncias independentemente de qualquer outra consideração de qualquer espécie que seja. (SANTAELLA, 2001: 37)

(1955) 19 DE JULHO. (...) A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro.

Ela disse: – A única coisa que você sabe fazer é catar papel.

Eu disse: – Cato papel. Estou provando como vivo!

(JESUS, data, :17)

Catar papel é um meio, sendo que o que o atravessa não cessa aí, mas flui em conflitos por um intenso querer poder, sempre. Ele é uma vida que está sendo, que é a medida que pode enfrentar as condições com as quais se relaciona. Assim, possibilitar satisfações com este ofício é uma forma de provação, de ativação de estratégias que resignifiquem as legitimidades de valores e sentidos atribuídos à existência humana.

Como nos coloca Santaella, nossas dimensões e valorações de realidade seriam vivenciadas de formas coexistentes, interdependentes. A lógica, a ética e a estética seriam então como que signos da ciência e da arte: isto é, algo que adquire significação na medida em que atribui valores e sentidos aos seus objetos e interpretantes. Assim, o viver e o guerrear seriam movimentos ativados no cálculo suas estratégias, no discernimento sobre o caráter de seus alvos e na crença de que a legitimidade de suas práticas esta na medida em que não pressupõe “Verdades” para estes movimentos.

Neste sentido, articulando domínios éticos e estéticos da experiência humana, Carolina parece se entender existindo como em uma intensa provação de duplicidades que sua vida poética lhe traz. Sua discursividade hibridiza alteridades que dialogam com a ativação e significação pragmática de suas formas de existência, como podemos ver:

(1958)14 DE DEZEMBRO... De manhã teve missa. O padre disse para nós não beber, porque o homem que bebe não sabe o que faz. Que devemos beber limonada e água. Varias pessoas veio assistir a missa. Ele disse que sente prazer em estar entre nós.

Mas se o padre residisse entre nós, havia de expressar de outra forma (JESUS, data: 106)

Os nômades têm um "monoteísmo" vago, literalmente vagabundo, e contentam-se com isto, com fogos ambulantes. Os nômades têm um senso do absoluto, mas singularmente ateu (DELEUZE & GUATTARRI, 1997:48)

Esta hibridação não impede, mas pelo contrário fortalece as estratégias de fruição e julgamento empreendidas por Carolina. Em um “estar sendo padre”, sua colocação que aponta para o fato de que, proferindo deveres (o que não beber ou comer) e dizendo sentir prazer de estar entre os favelados (ainda que somente ao rezar missas), o padre ‘diz’ uma alteridade que ele não procura experimentar intensamente, pois se vivesse ‘realmente’ um pouco entre aqueles favelados, sua ‘expressão’ não seria assim.

(1959) 29 DE ABRIL. Hoje eu estou disposta. O que me entristece é o suicídio do senhor Tomás. Coitado. Suicidou-se porque cansou de sofrer com o custo de vida.

Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome.

Eu parei de escrever o *Diário* porque fiquei desiludida. E por falta de tempo (JESUS: 141)

A ‘covardia’ para Carolina seria o fato de perder para si mesmo, antes de para alguém, concebendo e enfrentando um ‘não poder’ morrer de fome – ainda que isto se faça um pouco à custa de um sentimento de piedade – que pode representar tanto uma consideração de superioridade e inferioridade, como uma identificação e reconhecimento da alteridade como algo compartilhável.

Com efeito, surgem na obra constantes apreços sobre o sentimento da vida como sendo uma relação de valoração e ativação de potências habilitadas à instauração de sentidos para as relações mantidas entre nossas vontades e necessidades. Como quando ela agencia e semiotiza em uma linguagem híbrida seus afetos e sentimentos diante da quase surreal (e, de outra forma, bastante realista!) apreciação de si no jornal:

(1959) 10 DE JUNHO. (...) RETRATO DA FAVELA NO DIÁRIO DE CAROLINA. Li o artigo e sorri. Pensei no repórter e pretendo agradecê-lo. (...) Troquei de roupas e fui na cidade receber o dinheiro da Vera. Na cidade eu disse aos jornalheiros que a reportagem de *O Cruzeiro* era minha. (...) Fui receber o dinheiro e avisei ao tesoureiro que eu estava no *O Cruzeiro*.

... Eu estava impaciente porque havia deixado os meus filhos e na favela atualmente tem um espírito de porco. Tomei o ônibus e quando cheguei no ponto final a jornaleira disse que as negrinhas da favela havia me chingado, que eu estava desmoralizando a favela. Fui no parque buscar a Vera. E mostrei-lhe a revista. (JESUS:150)

Vemos que sua guerra é nômade, não se deixando aceitar facilmente pelas concessões cotidianas, como trabalhar catando papel, discutir com vizinhos, trazer comida para casa, cuidar dos filhos, escrever, etc. Carolina demonstra interagir com o mundo de forma que sua existência não seja meramente um objeto dele, mas se faça junto a ele – como o discurso sugere em uma “autoconsciência” do fluir de suas vivências ao ‘sorrir’, ‘agradecer’, ‘contar ao jornalista’, estar ‘impaciente’, valorar o ‘espírito de porco’, ‘as negrinhas’ e ‘a moral’, ao mesmo tempo em expressa seu contentamento ‘mostrando’ a notícia para sua filha.

### 3. Vontade e singularidade em transformação.

28 DE JULHO ... Fiquei horrorizada! Havia queimado meus cinco sacos de papel. A neta da D. Elvira., a que tem duas meninas e não quer mais filhos porque o marido ganha pouco, disse:

– Nós vimos a fumaça. Também a senhora põe os sacos ali no caminho. Ponhe lá no mato onde ninguém os vê. Eu ouvi dizer que vocês lá da favela vivem uns roubando os outros.

Quando elas falam não sabem dizer outra coisa a não ser roubo. Percebi que foi ela quem queimou meus sacos. Resolvi retirar com nojo. Aliás já haviam dito-me que eles são uns portugueses malvados. Que a D. Elvira nunca fez um favor a ninguém. Para eu ficar prevenida. Não estou ressentida. Já estou habituada com a maldade humana.

Sei que os sacos vão me fazer falta. *Fim do diário de 1955* (JESUS:25).

A relação entre o ser e o estar favelada aparecem constantemente no que *Quarto de Despejo* nos traz de enunciável. Carolina demonstra fluir, fruir e discernir os conflitos que estas dimensões lhe requisitam de forma pragmática. Assim ela não considera ‘ser’ uma favelada, mas sim ‘estar sendo’ uma de acordo com os sentidos que a este signo atribuímos. O ser não é algo estável, rígido, fixo. Ele é a experimentação deste devir - outro que sempre nos afronta em relação às formas de estar do mundo.

Carolina não acredita que pelo fato de partilhar de mesmas referências econômicas e práticas cotidianas deva se entender igual aqueles com quem se relaciona. Neste sentido, sua apropriação lógica, ética e estética do mundo nos sugere diferentes estratégias de guerra quando, por exemplo, ‘percebe’ quem havia queimado seus sacos

de papel e mesmo assim não começa a bater nesta pessoa. Para ela não há vingança, pois não fica ‘ressentida’ com a situação vivenciada. Há sim uma superação do ‘espírito de porco’ da favela quando ela ‘horrorizada’ retira os papéis do caminho com ‘nojo’ do ocorrido. Justamente por ser uma guerreira ‘habituada’ com a intensidade de suas batalhas, Carolina acredita na necessidade de estar ainda mais ‘prevenida’ quando ‘sente’ e ‘sabe’ que os sacos lhe farão falta mesmo.

Mal conseguimos imaginar sociedades primitivas que não tenham tido contato com Estados imperiais, na periferia ou em zonas mal controladas. Porém, o mais importante é a hipótese inversa: que o Estado ele mesmo sempre esteve em relação com um fora, e não é pensável independentemente dessa relação. A lei do Estado não é a do Tudo ou Nada (sociedades com Estado *ou* sociedades contra o Estado), mas a do interior e do exterior. O Estado é a soberania. No entanto, a soberania só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente (DELEUZE & GUATTARRI, 1997: 17 e 18)

Com as idéias de Deleuze e Guattarri, pensamos então a guerra de Carolina como mais que um confronto com forças transcendentais de um Estado, de uma Política ou de uma Lei. As estratégias que Carolina experimenta como desejos de seu estar com o mundo se dão como linhas de fuga que passam à margem da ‘soberania’ produzida pelo Estado.

As apropriações ‘locais’ desta soberania constam na pintura que Carolina faz de sua vida e do cotidiano da favela e dos favelados. Assim, seu confronto se desenvolve em um ‘interior’ e em um ‘exterior’ dos signos com as quais se relaciona. Como dito, vale dizer que o poder que a escrita representa para ela é como o de um suporte para seu desenvolvimento ético e sua qualificação moral sobre os diferentes favelados e não-favelados com os quais se relaciona.

19 DE MAIO. Deixei o leito as cinco horas. Os pardais já estão iniciando sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina a amizade e igualdade (...) ...Havia pessoas que nos visitava e dizia:

– Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo.

... Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa. (JESUS:30)

Nas passagens acima constam diferentes intensidades de afirmação dos poderes que temos e criamos ao lidar com o que nos está sendo existência. Não há somente uma aceitação amigável com as formas de devir (um vir-a-ser possível) dos acontecimentos de sua vida. A escassez de recursos materiais para a manutenção biológica faz com que diversas vezes Carolina registre o retorno de sua desilusão com a existência. No entanto, a coragem de ‘suicídio’ do que parece ser a única coisa que possui (sua vida) não ocorre em benefício de uma revitalização de suas vontades, interesses e ‘disposições’.

Nesta perspectiva, a escrita, um pensamento nômade que é simultaneamente um agenciamento de multiplicidades, assume na obra interpretada sentidos de um vigoroso e saudável alimento para a consciência. Neste sentido, a subjetividade é uma medição da existência que caminha no sentido de estar presente em diferentes existências daquilo que queremos, que temos e que podemos ter. E isto se legitimando com grande força e poder, a despeito de quaisquer forças contrárias.

Portanto, entendemos que as alteridades corporificadas na obra de Carolina nos apresentam uma peculiar apropriação ética, estética e semiótica empreendida entre as guerras de muitas-Carolinas com a necessidade de satisfação incidentes nos territórios de uma-Carolina forte e capaz de ser e estar limpa nos muitos quartos de despejo e salas de visita experimentados em vida. Então:

Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte (DELEUZE & GUATTARRI, 1997:45)

## Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento – sonora visual verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

JESUS, Carolina Maria; *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. \_\_\_\_\_.